

Resenha

Draper, Hal. "As duas almas do socialismo", tradução de Sean Purdy. *Revista Outubro*, n. 32, 1º semestre de 2019.
ISSN 1516-6333

Hal Draper e socialismo a partir de baixo

Sean Purdy*

Introdução

Hal Draper (1914-1990) foi um dos mais proeminentes teóricos marxistas e militantes socialistas do século XX nos Estados Unidos. Era um dos poucos com a extraordinária experiência no alto nível da luta de classe nas décadas de 1930 e 1940, na época de perseguição macarthista à esquerda nos anos 1950 e na ressurgência de movimentos de massa nos anos 1960 e 1970. Nos anos 1960, Draper escreveu o texto pelo qual é mais conhecido, intitulado *As duas almas do socialismo*.¹ Entre as décadas de 1970 e 1990, publicou sua mais extensa contribuição à teoria marxista, em cinco volumes, *Karl Marx's theory of revolution (A teoria da revolução em Karl Marx)*. (Draper, 1977; 1978; 1986; 1990; Draper e Haberkern, 1990) Dos anos 1930 a 1960, foi dirigente de vários grupos socialistas revolucionários trotskistas.

Baseando-se detalhadamente nos textos de Marx e Engels, bem como em outros marxistas importantes como William Morris, Rosa Luxemburgo e Eugene V. Debs, Draper desenvolveu ao longo da sua vida o conceito de "socialismo a partir de baixo", no qual destaca que a divisão central no movimento socialista não é entre revolução ou reforma, pacifismo ou violência, democracia ou autoritarismo, mas sim entre "socialismo de baixo" e "socialismo de cima". Ainda assim, Draper e seus trabalhos são relativamente pouco conhecidos na América Latina, África e Ásia. Esse artigo visa resumir o seu mais importante texto, *As duas almas do socialismo*, apresentando também uma breve apreciação da sua vida e da sua obra.

1. Uma vida de luta para o socialismo

Nascido em 1914, filho de pais judeus, trabalhadores da indústria têxtil em Nova York, Hal Draper e seu irmão, Theodore, cursaram a faculdade nos anos 1930 e atuaram

* Professor de História dos Estados Unidos, Universidade de São Paulo.

¹ A versão traduzida para português (Draper, 2019) e discutida nesse artigo foi originalmente publicada na revista *New Politics*, em 1966. Em seguida, o artigo foi republicado em versões revisadas pelo grupo socialista norte-americano *International Socialists* (Socialistas Internacionais). Segundo uma apresentação do próprio Draper para uma versão, lançada em 1970, esta foi revisada e expandida a partir do artigo *Socialism from below as the meaning of socialism*, publicado no periódico *Anvil*, em 1960, revista da *Young People's Socialist League*. A versão de 1960 também foi publicada na revista britânica *International Socialism*, em 1962.

politicamente na esquerda a partir do início daquela década inebriante. Theodore escolheu a militância na maior força da esquerda na época, o Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA),² enquanto Hal se juntou ao ainda radical Partido Socialista da América (SPA). A década de 1930 testemunhou importantes greves e mobilizações da classe trabalhadora e movimentos de massa de desempregados e antifascistas, bem como testemunhou a influência crescente de ideias marxistas e socialistas nos meios culturais e intelectuais. (Purdy, 2007, p. 197-215)

Já como estudante universitário e mais tarde como professor de colégio na rede pública em Nova York, Hal Draper se tornou o mais importante líder da juventude do SPA, organizando greves estudantis e greves antiguerra. Liderou também o Sindicato Americano dos Estudantes (*American Student Union*), de amplitude nacional. Em 1937, ele foi eleito Secretário Nacional da Liga Socialista da Juventude (*Young People's Socialist League*, YPSL), do SPA, e levou a maioria dos seus membros (em torno de três mil) para a formação da Quarta Internacional, organizada pelo movimento trotskista internacional e por seu representante nos Estados Unidos, o Partido de Trabalhadores Socialistas (*Socialist Workers' Party*, SWP).³

Sempre críticos do estalinismo, Draper e outros socialistas simpáticos a Trotsky na década de 1930 tiveram que enfrentar debates particularmente ferozes sobre a exata natureza da União Soviética, especialmente no contexto dos incríveis ziguezagues da política externa soviética, da crescente repressão e dos massacres dentro daquele país contra oposicionistas e trabalhadores. A posição de Trotsky e da Quarta Internacional era a de que a União Soviética, na qual as relações capitalistas de produção teriam sido supostamente abolidas, tornara-se um *Estado operário burocratizado e deformado*. (Van der Linden, 2009) Portanto, os revolucionários ainda tinham a obrigação de apoiar a União Soviética na guerra mundial que estava por vir contra a Alemanha nazi. Entretanto, o maior problema consistia na política externa cada vez mais imperialista de Stalin, especialmente com o Pacto Nazi-Soviético de 1939, que pretendia dividir Polônia entre Alemanha e União Soviética, permitindo aos soviéticos ocuparem Estônia, Letônia, Lituânia e partes da Finlândia e da Romênia com ajuda alemã. Diante dessa política, em 1940, vários líderes do SWP, inclusive Draper, racharam com o partido e formaram um novo partido, o Partido dos Trabalhadores (*Workers' Party*, WP). Novamente, Draper foi responsável por levar noventa por cento da ala jovem do SWP para o novo partido. (Geier, 2017-2018)

Draper e outros líderes do WP concluíram que a União Soviética sob Stalin havia se tornado uma nova forma de sociedade de classe. Lançaram o slogan “Nem Washington nem Moscou, mas por um terceiro campo do socialismo internacional”. (Johnson, 1999) As lideranças do SWP e da Quarta Internacional argumentavam que os russos, na qualidade de invasores da Europa Oriental, estavam “nacionalizando propriedades, destruindo a classe capitalista e organizando sistemas sociais idênticos

² Durante a Segunda Guerra Mundial, Theodore (1912-2006) rejeitou o comunismo e mais tarde se tornou famoso como um feroz anticomunista. Escreveu dois importantes livros em 1957 e 1960 (Draper, 2003) sobre a história do partido. Sobre esses livros e os debates historiográficos acerca do comunismo nos Estados Unidos, ver Palmer (2003).

³ Os textos de Draper na imprensa da YPSL desta época podem ser consultados aqui <https://www.marxists.org/archive/draper/index.htm>. Sobre o movimento trotskista nos Estados Unidos nesse período, ver Palmer (2013, p. 269-292), Cannon (1944) e Callinicos (1990).

ao do Estado Operário Russo e, portanto, estavam fazendo a revolução socialista a partir de cima, através de meios militares e burocráticos". (Geier, 2017-2018) No entanto, os oposicionistas do WP insistiam que uma revolução socialista não podia ser construída a partir de cima, restaurando o conceito de Marx de que "a emancipação das classes trabalhadoras deve ser conquistada pelas próprias classes trabalhadoras". (Musto, 2014, nota 65) Como disse Geier:

O WP restaurou a teoria de que a democracia operária é central ao socialismo ao reexaminar o que constituía um Estado operário quando a propriedade é nacionalizada. Quando a propriedade é nacionalizada, concluiu, a questão é: *Quem possui e controla o estado* que é o repositório da propriedade nacionalizada? Democracia operária não é um elemento extra, mas um elemento essencial; *socialismo não existe sem controle operário de propriedade estatizada, a economia e o Estado*. (Geier, 2017-2018)

Como Marx e Engels escreveram no *Manifesto comunista*: o que define um Estado operário é a "ascensão do proletariado à classe dominante e à luta pela democracia". (Marx e Engels, 2001, p. 59) Geier concluiu que, quando "a classe trabalhadora não tem poder, não há um Estado operário; os que têm poder, a burocracia, são a verdadeira classe dominante". (Geier, 2017-2018)

No WP, Draper fez parte de uma liderança coletiva de socialistas experientes: alguns deles, como Max Shachtman, ex-líder da juventude no CPUSA e um dos cofundadores do trotskismo norte-americano, e James Burnham, um filósofo e militante trotskista ao longo dos anos 1930, acabaram virando à direita e se tornaram conservadores anticomunistas nos anos 1940 e 1950 (Wald, 1987); outros, como o historiador afro-caribenho C. L. R. James (2000), a ex-secretária pessoal de Trotsky, Raya Dunayevskaya, e a filósofa militante sino-americana, Grace Lee, (Ward, 2016) saíram do movimento trotskista nos anos 1950, desenvolvendo teorias e práticas de um humanismo marxista, assim como o conceito de "capitalismo do Estado". (James, Lee e Dunayevskaya, 1986) Draper manteve a posição da maioria no WP, a de que a União Soviética era um Estado "burocrata coletivista".

Trabalhando e militando nos estaleiros de Los Angeles durante a Segunda Guerra Mundial, Draper e outros camaradas do WP lideraram várias greves ilegais enquanto estalinistas e socialdemocratas cederam à política antigreve oficial do governo. (Kersten, 2007) De fato, o WP construiu várias organizações de base nos anos de guerra e era o único grupo radical "disposto e capaz de fornecer direção e liderança". (Geier, 2017-2018) Além disso, o WP foi ativo em movimentos antifascistas e antirracistas ao longo dos anos 1940 e ganhou o apoio de alguns intelectuais importantes como o escritor afro-americano James Baldwin, que destacou a influência do movimento trotskista no seu pensamento libertário. (Field, 2011)

Em 1949, o WP se reorganizou como a Liga Socialista Independente (*Independent Socialist League*, ISL). Draper trabalhou como o editor do seu jornal semanal *Ação Trabalhista (Labor Action)* e foi frequente articulista na sua revista teórica *Nova Internacional (New International)*.⁴ Mesmo com influência declinante nessa época de repressão à esquerda, o ISL e Draper se destacaram com uma defesa intransigente de liberdades civis contra a caça às bruxas anticomunista e com seu

⁴ Muitos dos artigos de Draper dos anos 1930 aos 1960 podem ser acessados aqui: <https://www.marxists.org/archive/draper/index.htm>.

apoio ao movimento por direitos civis para negros, ao movimento sindical e a todos os movimentos contra exploração e opressão no mundo. Draper (1956) foi um dos primeiros críticos norte-americanos sérios do Estado sionista de Israel. Ao longo do período reacionário de macarthismo nos anos 1950 e de declínio da esquerda, Draper contribuía para manter vivo o marxismo e as políticas em defesa da luta de classes a partir de baixo.

Nos anos 1950 e 1960, Draper aperfeiçoou a abordagem política de “terceiro campismo”, isto é, uma crítica aos crimes de imperialismo, tanto de Washington como de Moscou. Escreveu ensaios mais longos (reunidos em dois livros: Draper, 1996; 2011) sobre a Conferência de Ialta, quando os Estados Unidos e a União Soviética dividiram a Europa em dois polos imperialistas, o que resultou na Guerra Fria, assim como sobre várias intervenções imperialistas dos dois lados, tais como a carnificina da Guerra da Coréia, o golpe na Guatemala, as intervenções imperialistas em Cuba, o expansionismo israelense na Guerra dos Seis Dias (na qual uma boa parte da esquerda apoiou Israel) e a Guerra do Vietnã. Como Geier (2017-2018) e Johnson (1999) analisaram, Draper enfatizava a tradição marxista de apoiar guerras de liberação nacional ou movimentos por direitos democráticos apesar das possíveis políticas antidemocráticas e reacionárias de suas lideranças, usando diversos exemplos como a China sob a liderança de Chiang Kai-Shek frente à invasão japonesa, a Etiópia sob Haile Selassie frente à invasão italiana de Mussolini e o Vietnã sob a *Frente de Libertação Nacional* (FLN) diante da intervenção dos Estados Unidos. Draper fez uma crucial distinção entre “apoio militar” às revoltas populares, como no caso da FLN, por exemplo, e “apoio político”, evitando endossar as políticas estalinistas de determinados líderes dessas revoltas populares. Segundo Alan Johnson (1999, p. 139-141), Draper apoiava, portanto, a revolução democrática a partir de baixo nos países estalinistas e ocidentais como alternativa à derrota de um ou de outro por forças imperialistas militares, pois ambos atuavam decisivamente contra a revolta popular a partir de baixo. Ao invés de abandonar o movimento e a tradição socialista em desespero frente ao capitalismo ocidental triunfante e à tirania estalinista, como muitos fizeram, Draper visava aplicar a pesquisa marxista rigorosa ao novo momento político.

Com o ressurgimento de movimentos em massa na década de 1960 (movimento por direitos civis, Black Power, movimento estudantil e movimento antiguerra), Draper serviu como uma ponte entre a Velha e a Nova Esquerda. Em 1958, Max Shachtman convenceu os membros da ISL a dissolver a organização e juntarem-se ao Partido Socialista da América (SPA). Draper saiu da liderança, fez um mestrado em biblioteconomia e se tornou bibliotecário na Universidade de Califórnia, Berkeley. Enquanto o SPA apoiava cada vez mais o imperialismo americano (a Guerra do Vietnã, por exemplo) e o Partido Democrata, Draper rachou com Shachtman e formou o Clube Socialista Independente de Berkeley (*Berkeley Independent Socialist Club*). Diferentemente de muitos da Velha Esquerda socialdemocrata ou comunista, que viam os novos movimentos com suspeição, Draper (1965) abraçou as novas mobilizações como autênticos movimentos de baixo. Ao mesmo tempo, voltou a estudar Marx e Engels, tentando aplicar suas ideias revolucionárias a nova conjuntura.

Não por acaso, Draper foi a maior influência política no famoso *Movimento pela Liberdade de Expressão* na Berkeley, em 1964, a primeira explosão do mo-

vimento estudantil nos anos 1960. Discursava nas manifestações do movimento, organizava a solidariedade ao movimento e coescreveu sua primeira história junto com o líder da mobilização, Mario Savio. (Draper e Savio, 1965) Numa série de artigos para a revista *New Politics* e já como líder intelectual e político de uma nova organização, os Clubes Socialistas Independentes (Independent Socialist Clubs, ISC, 1964-1969), e, a partir de 1969, do Socialistas Internacionais (International Socialists, IS), Draper continuamente defendeu os novos radicais contra a Velha Esquerda, bem como escreveu contra a Guerra do Vietnã e combateu o argumento de apoiar eleitoralmente o Partido Democrata como um “mal menor”.

O ISC foi ativo no movimento por direitos civis e nos movimentos estudantis e antiguerre. (La Botz, 2018) Em 1967 e 1968, o ISC também foi essencial na construção de um partido radical mais amplo, o Partido Paz e Liberdade (Peace and Freedom Party), na Califórnia, que filiou mais de 120 mil membros com uma pauta contra a guerra e a favor de libertação negra. Fez aliança com o Partido dos Panteras Negras, que forneceu seu candidato, Eldridge Cleaver, para as eleições presidenciais de 1968. Essa campanha seria a última participação de Draper em um movimento de massa. Decepcionado com o começo do declínio dos movimentos sociais e operários no início dos anos 1970, ele também saiu do IS, argumentando que a construção de um partido revolucionário não era mais uma tarefa possível ou desejável. Propôs então um projeto de criar um “centro político”, basicamente um centro de publicações, criticando o que chamava o sectarismo de partidos revolucionários. (Geier, 2017-2018)

As últimas duas décadas da vida de Draper foram dedicadas ao trabalho teórico: publicou cinco volumes de pesquisa original numa coleção intitulada *A teoria da revolução* em Karl Marx (Draper, 1977; 1978; 1986; 1990; Draper e Haberkern, 1990), onde aprofundou seus argumentos sobre socialismo a partir de baixo. Nesse período, ele aprendeu alemão para ler Marx e Engels no original e até fez uma tradução premiada da obra inteira de Heinrich Heine, poeta alemão do século XIX. (Draper, 1982) Nesses volumes sobre Marx, Draper explorava as principais questões que preocupavam os próprios Marx e Engels: a classe, o proletariado, a burguesia e outras classes, a autoemancipação, a natureza do Estado, a burocracia, a revolução, o bonapartismo, a ditadura do proletariado, bem como fez análises detalhadas de outras tendências políticas da esquerda. Ele chamou esse trabalho de uma “escavação”, identificando as posições de Marx e as colocando no contexto dos eventos, debates e clima intelectual nos quais foram produzidas. (Kuhn, 2006, p. 461; Barker, 1979) Draper argumentou sobretudo que Marx e Engels não eram simplesmente intelectuais, mas pensadores e ativistas revolucionários.

2. **As duas almas do socialismo**

Originalmente escrito como um artigo em 1960 e revisado ao longo da década, *As duas almas do socialismo* deve ser firmemente colocado no contexto das políticas da esquerda da época. Com a gradual ascensão de uma Nova Esquerda liderada pela organização Estudantes para uma Sociedade Democrática (*Students for a Democratic Society*, SDS) (Farias, 2009), mas com a continuação da circulação de ideias e grupos socialdemocratas, comunistas, trotskistas, anarquistas e, no final desse período, maoístas, ele queria introduzir o marxismo para uma nova geração e apresentar um olhar diferente do mundo, do socialismo e das disputas ideológicas na esquerda, apontando

o que considerava serem distorções das ideias revolucionárias de Marx e Engels. Para Draper, o marxismo é a tradição de socialismo revolucionário a partir de baixo, enfatizando a autoemancipação da classe trabalhadora, o controle e o poder operários. A luta socialista era sobre a expansão de liberdade e controle conquistada pela classe trabalhadora através de seus próprios esforços e poder. Nessa visão, portanto, as correntes dominantes do pensamento socialista – reformismo, estalinismo e maoísmo – eram variações de um “socialismo a partir de cima”, liderado por uma elite governante que desconfia do poder das massas e da possibilidade de a classe trabalhadora recriar a sociedade através da sua própria iniciativa. Um socialismo, enfim, que defende reformas e benefícios a partir de cima sem controle democrático de fato.

Joel Geier, cofundador com Draper dos Clubes Socialistas Independentes de Berkeley em 1964, escreveu que Draper fez duas principais contribuições ao pensamento marxista. Primeiro, que a socialdemocracia e o estalinismo, apesar das suas óbvias diferenças, identificam socialismo com estatização da economia e rejeitam o poder democrático operário como o fundamento do socialismo. Draper mostra em detalhes no seu texto como vários teóricos reformistas ao longo dos séculos XIX e XX, assim como estalinistas depois da Revolução Russa, rejeitaram o argumento central de Marx sobre a autoemancipação da classe trabalhadora, substituindo-o por representantes parlamentares ou por burocratas do partido como forças motrizes do socialismo. Além disso, na Guerra Fria, essas duas ideologias semelhantes acabaram falsamente dividindo o mundo entre os que apoiavam uma Washington “capitalista” e uma Moscou “socialista”, minando as lutas de classe e fomentando guerras imperialistas nos dois lados.

A segunda contribuição do texto de Draper é a ênfase na conexão indissolúvel no marxismo entre democracia e socialismo. Ele mostra como Marx chegou ao socialismo através da luta por direitos democráticos e que o socialismo era primeiramente sobre democracia coletiva a partir de baixo e não sobre controle vindo de cima, por decisão de líderes elitistas. Ele cita Marx em seu discurso à Liga Comunista, em 1850, criticando noções elitistas de socialismo:

A minoria [...] faz da mera vontade a força motriz da revolução, em vez de relações reais. Enquanto nós dizemos aos trabalhadores: “Vocês terão que passar por quinze ou vinte ou cinquenta anos de guerras civis e guerras internacionais não apenas para mudar as condições existentes, mas também para mudar a si mesmos e para se tornarem aptos para o domínio político”; você, por outro lado, diz aos trabalhadores: “Devemos alcançar o poder de uma só vez ou então devemos ir dormir”. (Marx *apud* Rühle, 1929)

Municiado com esses argumentos, Draper contrasta a teoria e a prática de vários socialistas de cima e de baixo. Ele mostra que os primeiros modernos socialistas franceses (Babeuf, Saint Simon e os utópicos) eram autoritários, antidemocráticos e colocaram fé nas elites para transformar a sociedade. Nas suas palavras, para esses socialistas: “As pessoas, o movimento, podem ser úteis como um ariete – nas mãos de alguém”. Draper faz duras críticas às ideias e às práticas antidemocráticas dos criadores do anarquismo, Proudhon e Bakunin, mostrando detalhadamente o machismo, o

racismo, o antisemitismo e seu apoio a soluções ditatoriais para os problemas sociais.⁵ Ele prossegue com vários capítulos expondo o socialismo a partir de cima de reformistas como Ferdinand Lasalle e Eduard Bernstein na Alemanha, os fabianos ingleses como os Webbs e George Bernard Shaw e os americanos Edward Bellamy e Charles Steinmetz. Eram concepções que glorificaram o Estado e sua burocracia sem controle democrático de baixo, seja no capitalismo ocidental ou no socialismo soviético. Talvez o mais importante seja que Draper analisa as ideias democráticas e revolucionárias de Marx e Engels e seus herdeiros do socialismo a partir de baixo, como William Morris, Rosa Luxemburgo e Eugene Debs, contrastando suas concepções com as diversas variações do reformismo e do estalinismo.⁶

As duas almas do socialismo continua relevante nos tempos atuais, pois os socialismos que dominam a esquerda no mundo inteiro, inclusive no Brasil, ainda representam as variações de socialismo a partir de cima, identificados por Draper sessenta anos atrás. É claro que atualmente se vive num contexto diferente do capitalismo e de configurações políticas distintas. Porém, qual a relação entre socialismo e democracia? O que é revolução? O que é controle operário? O que é poder operário? São questões ainda pertinentes para a esquerda atual, particularmente com a ascensão de movimentos sociais contra a opressão que questionam vários aspectos da tradição marxista e socialista. O texto de Draper serve como um ponto de partida para todos esses debates essenciais ao enfatizar a centralidade da autoemancipação da classe trabalhadora nas ideias revolucionárias de Marx e Engels.

⁵ Draper não tratava da moderna tradição anarquista da “luta de classe”, que pode ser incluída na tradição do socialismo a partir de baixo. Sobre isso, ver McNally (2006).

⁶ *As duas almas do socialismo* foi fundamental para a identidade política da Organização Socialista Internacional (ISO, 1977-2019) nos Estados Unidos e, na Inglaterra, para os Socialistas Internacionais (IS, 1960-1977) e, mais tarde, o Partido dos Trabalhadores Socialistas (SWP, 1977-), assim como para a sua corrente internacional, Socialismo Internacional, que agrupa pequenas organizações em dezenas de países.

Referências

- BARKER, Colin. "Karl Marx's theory of revolution". *Socialist Review*, n. 11, abr., 1979, p. 35-36. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/writers/barker-1979/04/draper.htm>>. Acesso em: 12/11/2025.
- CALLINICOS, Alex. *Trotskyism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990.
- CANNON, James P. *The history of American Trotskyism: report of a participant*. New York: Pioneer Press, 1944.
- DRAPER, Hal. "As duas almas do socialismo". Tradução Sean Purdy. *Revista Outubro*, n. 32, 2019.
- DRAPER, Hal. *America as overlord*. Alameda, CA: Center for Socialist History, 2011.
- DRAPER, Theodore. *American communism and soviet Russia: the formative period*. Piscataway, NJ: Transaction Publishers, 2003 [1960].
- DRAPER, Theodore. *The roots of American communism*. Piscataway, NJ: Transaction Publishers, 2003 [1957].
- DRAPER, Hal. *War and revolution: Lenin and the myth of revolutionary defeatism*. Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press, 1996.
- DRAPER, Hal. *Karl Marx's theory of revolution*. v. 4. Critique of other socialisms. New York: Monthly Review Press, 1990.
- DRAPER, Hal. *Karl Marx's theory of revolution*, v. 3. The "dictatorship of the proletariat". New York: Monthly Review Press, 1986.
- DRAPER, Hal. *The complete poems of Heinrich Heine*: a modern English version. Cambridge, MA: Suhrkamp/Insel Publishers Boston, 1982.
- DRAPER, Hal. *Karl Marx's theory of revolution*, v. 2. The politics of social classes. New York: Monthly Review Press, 1978.
- DRAPER, Hal. *Karl Marx's theory of revolution*, v. 1. State and bureaucracy. New York: Monthly Review Press, 1977.
- DRAPER, Hal. "In defense of the new radicals". *New Politics*, summer, 1965, p. 5-28.
- DRAPER, Hal. "Israel's Arab minority: the beginning of a tragedy". *New International*, v. XXII, n. 2, summer, 1956, p. 86-106. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/draper/1956/xx/tragedy.html>>. Acesso em: 12/11/2025.
- DRAPER, Hal; HABERKERN, Ernest. *Karl Marx's theory of revolution*. v. 5. War and revolution. New York: Monthly Review Press, 1990.
- DRAPER, Hal; SAVIO, Mario. *Berkeley*: the new student revolt. New York: Grove Press, 1965.
- FARIAS, Rodrigo. *A nova esquerda americana do Port Huron aos Weathermen*, 1960-1969. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- FIELD, Douglas. "James Baldwin's life on the left: a portrait of the artist as a young New York intellectual". *English Literary History*, v. 78, n. 4, winter, 2011, p. 833-862.
- GEIER, Joel. "Hal Draper's contribution to revolutionary Marxism". *International Socialist Review*, n. 107, winter, 2017-2018. Disponível em: <<https://isreview.org/issue/107/hal-draper-s-contribution-revolutionary-marxism>>. Acesso em: 12/11/2025.

- JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo, 2000 [1938].
- JAMES, C. L. R.; DUNAYEVSKAYA, Raya; LEE, Grace. *State capitalism and world revolution*. Chicago: Charles H. Kerr, 1986 [1950]. Disponível em: <<https://libcom.org/files/State%20capitalism%20and%20world%20revolution%20-%20CLR%20James.pdf>>. Acesso em: 12/11/2025.
- JOHNSON, Alan. “Neither Washington nor Moscow’: the third camp as history and a living legacy”. *New Politics*, summer, 1999, p. 135-165.
- KERSTEN, Andrew. “Dominance and influence of organized labor”. In: ARNESON, Eric (org.). *Encyclopedia of US labor and working-class history*. v. 1. New York: Routledge, 2007, p. 375-379.
- KUHN, Rick. “Review essay: continuing the ‘excavation’ of Marx’s work”. *Australian Journal of Political Science*, v. 41, n. 3, set., 2006, p. 461-464.
- LA BOTZ, Dan. “Reading the revolution: a memoir of 1968”. *Verso*, 23 de ago., 2018. Disponível em: <<https://www.versobooks.com/blogs/3988-reading-the-revolution-a-memoir-of-1968>>. Acesso em: 12/11/2025.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 2001.
- McNALLY, David. *Another world is possible: globalization and anti-capitalism*. Winnipeg: Arbeiter Ring, 2006.
- MUSTO, Marcello. *Trabalhadores, uni-vos! Antologia política do I Internacional*. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2014.
- PALMER, Bryan D. “Rethinking the historiography of United States communism”. *American Communist History*, v. 2, n. 2, 2003, p. 139-173.
- PALMER, Bryan D. *Revolutionary teamsters: the Minneapolis truckers’ strike of 1934*. Leiden-Boston: Brill, 2013.
- PURDY, Sean. “Décadas de discordância”. In: KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinicius de. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.
- RÜHLE, Otto. *Karl Marx: his life and works*. New York: Viking Press, 1929 [1928]. Disponível em: <<http://www.marxistsfr.org/archive/ruhle/1928/marx/ch04.htm>>. Acesso em: 12/11/2025.
- VAN DER LINDEN, Marcel. *Western Marxism and the Soviet Union: a survey of critical theories and debates since 1917*. Chicago: Haymarket Books, 2009.
- WALD, Alan M. *The New York intellectuals: the rise and decline of the anti-Stalinist left from the 1930s to the 1980s*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1987.
- WARD, Stephen M. *In love and struggle: the revolutionary lives of James and Grace Lee Boggs*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2016.